

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



DESAFIOS PARA
O PROJETO MODERNO DE UNIVERSIDADE
E PARA A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Entrevista com **Daniel de Mello Ferraz***

Entrevistado por **Fabício Tetsuya Parreira Ono e Sérgio Ifa****

Pensar, refletir, criticar e agir são verbos que configuram algumas das facetas da docência no ensino superior brasileiro e, paralelamente, representam ações intrínsecas aos estudos das linguagens. Para longe de ser uma redundância ou uma recorrência discursiva vazia de sentido e/ou significado, a educação linguística de uma sociedade – cada vez mais atravessada e açoitada por diversos fatores que transbordam os limites naturalizados, seja pela penetração massiva de dispositivos de poder revestidos de progresso, seja pela acessibilidade digital e, até mesmo, pela incapacidade de acompanharmos os passos velozes que o desenvolvimento tecnológico – exige que as ações dos verbos inicialmente mencionados sejam cada vez mais potencializadas e alinhadas com o que aconteceu, acontece e poderá vir acontecer nas diversas camadas que constituem o tecido social.

* **Sobre o entrevistado:** Daniel Ferraz realizou pesquisas de pós-doutorado em Educação pela Universidade Católica de Leuven (Bélgica), em Letras pela Universidade de São Paulo e em Educação pela Universidade de Londres. É Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre letramentos e educação crítica de língua inglesa e Mestre em Letras pela mesma instituição, com pesquisa na área de letramentos visuais e formação. É professor Livre Docente na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (PPGELLI USP). É coordenador da AUCANI Idiomas (USP International Office). É líder do Projeto Nacional de Letramentos (USP CNPq) e do GEELLE (Grupo de Estudos sobre Educação Linguística em Línguas Estrangeiras - USP, CNPq). É bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: danielife@usp.br.

** **Fabício Tetsuya Parreira Ono**, doutor em Letras pela USP, com estágio de pós-doutorado na mesma instituição, mestre em Estudos Linguísticos pela UNESP em São José do Rio Preto, graduado em Letras pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (2004). Atualmente, sou professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. E-mail: fabicio.ono@ufms.br. **Sérgio Ifa** é mestre e doutor em Linguística Aplicada (LAEL-PUC-SP), docente de Letras Inglês do curso de Letras Inglês e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É líder do grupo de pesquisa Letramentos, Educação e Transculturalidade – LET e pesquisador do Projeto Nacional de Letramentos - Ciclo 3: Linguagens, Letramentos e Decolonialidade (2021-2026), sediado na USP. e-mail: sergio@fale.ufal.br.

Quando mencionamos educação linguística, como no tema deste dossiê, trazer as contribuições do Professor Daniel de Mello Ferraz, que atua ativamente nesta seara, é uma oportunidade não apenas para conhecer/saber um pouco mais sobre sua trajetória, seus posicionamentos e suas provocações, mas também de compreender que, para além das inúmeras menções a Ferraz, há um ser humano atento, generoso, enérgico e disposto, demonstrando que educação não pode se separar de quem a executa, de quem põe a mão na massa. Assim, entendemos que, se vidas são construídas por momentos, melhor ainda são experiências significativas em que há trocas, energias positivas e cumplicidade. Registramos aqui uma conversa com um pesquisador, formador e professor que trabalha em prol de uma sociedade mais justa e igual, revelando-se fundamental para: (i) fortalecer a importância do trabalho colaborativo em equipe; (ii) fomentar ações locais e mais amplas para a formação de professores de línguas; e (iii) motivar o combate às amarras não progressistas e menos democráticas tanto no ensino de línguas como na formação docente. Imaginem *papear* com um ser humano que, além de compartilhar sonhos e conquistas de forma simples, humilde e bem-humorada, também se emociona! Ganhou todo mundo! Foi assim que o bate-papo aconteceu entre o querido Daniel, um colega que tem incessantemente promovido, entre outras grandes práticas, crescimento de outros colegas por meio de suas produções prolíficas. Na conversa, muitos assuntos foram tocados e aprofundados, mas, infelizmente, tivemos que selecionar alguns para reforçar o compromisso e a garra para o enfrentamento por práticas outras e mundos melhores; outros, aliás, serão compartilhados em uma próxima publicação.

Fabício e Sérgio: Muito obrigado, mais uma vez, por atender a esse convite. Estamos muito felizes que você esteja aqui com a gente para esta entrevista. Pensamos em algumas perguntas, e a primeira delas é: levando em conta essa sua vasta experiência, esse seu engajamento como pesquisador, como professor, como formador de professores, no cenário brasileiro e também internacional, tendo como uma das temáticas principais das suas investigações a educação linguística, gostaríamos de saber como é que você tem visto os últimos 20 anos de estudos de educação linguística, especificamente, a partir da sua perspectiva? Como temos expandido, reformulado, reelaborado, problematizado questões de educação linguística?

Daniel Ferraz: Bem, eu também quero agradecer a oportunidade de conversar. Obrigado pelo convite. Queria dizer que estou lisonjeado, um pouco nervoso, mas vamos lá. Então, primeiro, quero agradecer a pergunta. Eu diria que, no início da minha trajetória, não conhecia o conceito de educação linguística. Aliás, você falou dos últimos 20 anos, e eu estava tentando me lembrar quando me deparei com o conceito.

A primeira vez que entrei em contato com o termo em inglês, *Language Education*, foi há pouco mais de uma década. Interessante que vocês perguntaram sobre os 20 anos para trás. Acho relevante para historicizar o conceito: conheço o termo oficialmente há cerca de 15 anos. Antes disso, minha impressão é que o termo não era discutido na Linguística Aplicada ou na formação docente no Brasil. Durante a formação inicial, não conhecia o termo nem as teorias e práticas pedagógicas que ele propõe.

Nos últimos anos, percebo um esforço de expansão do conceito de educação linguística na Linguística Aplicada brasileira e vejo isso com bons olhos. Inclusive, recentemente, publiquei um trabalho dedicado ao tema, que revisita o que temos feito como formadores de professores de línguas/educadores linguísticos.

Para mim, revisitar o que fazemos enquanto formadores significa olhar para os termos que deram nome à nossa área – *Ensino e aprendizagem de línguas*, *English Language Teaching*, *English as a Foreign Language*, *English as a Second Language*. Não se trata de abandonar a história e os termos, mas de refletir sobre seus significados. Isso porque a educação linguística explica melhor e de forma diversa os desafios sociais.

Em tempos contemporâneos, altamente digitalizados, as mudanças sociais são gigantescas. A conectividade altera a sociabilidade e a educação. Manter a dicotomia “professor ensina, aluno aprende” significa aceitar que não queremos mudar. Fico refletindo, inclusive após sair da sala de aula, em conversas com estudantes: se permanecemos nessa educação tradicional, estamos reafirmando, a meu ver, uma lógica de ensino hierárquico, verticalizado, dentro dos preceitos da educação bancária criticada há décadas por Paulo Freire. Vejo na educação linguística uma expansão, ao mesmo tempo questionamento, dessa educação tradicional.

Nos mesmos sentidos colocados, acredito que a nomeação (de um termo, de uma área do conhecimento) é política: se não usamos os termos resultantes de pesquisas atuais, não haverá transformação ou reconhecimento deles em órgãos de fomento e avaliação. As pesquisas mostram que, ao realizarmos estudos de linguagem, somos transformados pela sociedade e transformamos a sociedade. Tenho sugerido que quem acredita nesse movimento de revisitar a educação tradicional adote o termo “educação linguística”.

A palavra educação (em educação linguística) pode parecer desatualizada? Teríamos que mudar os termos da conversa? Responderia que sim, já que a raiz “educar” traz a ideia de conduzir, de levar o educando para fora, para algum lugar. Ou seja, há sempre um educador que conduz o educando (aqui me refiro à educação institucional). Ainda assim, considero “educação linguística” mais adequada do que a dicotomia “ensino e aprendizagem”, uma vez que esta última traz positivismo e hierarquização da relação professor-aluno. Evito usar “ensino e aprendizagem” em relatórios institucionais e artigos há vários anos e insisto na educação linguística. O que seria, então, a educação linguística?

Gostaria de responder a essa pergunta afirmando que, “ensinar e educar por meio das línguas (maternas ou estrangeiras) são conceitualizações distintas”, uma vez que

[...] educar em uma LE/LI significa revisitar esse ensinar; significa pensar nos ‘novos’ papéis que as LE/LI adquiriram em muitos contextos, por exemplo, nos grandes centros urbanos e ou regiões nas quais a www. vem alterando enormemente as relações sociais; significa pensar nos repertórios necessários para nos prepararmos epistemologicamente para o desenho de currículos e práticas pedagógicas; significa pensar nas transdisciplinaridades que a LI pode abarcar; significa fomentar a produção de conhecimentos e criticidade (Ferraz, 2024, p. 150).

Nos mesmos sentidos, a educação linguística defende/aborda/propõe:

1. O ensino dos aspectos linguísticos da língua, sem descuidar as dimensões cultural, crítica, política, local e global.
2. A promoção e a negociação das capacidades dos alunos para construir e distribuir conhecimento.
3. A preparação dos alunos para que possam interpretar o mundo que os rodeia, nas suas comunidades de prática, mas também subjetivamente.
4. A criação de *affordances* nas quais os alunos podem se engajar criticamente em seus próprios processos de educação.
5. O educador de línguas a criar seus próprios projetos de curso e práticas pedagógicas de acordo com seus conhecimentos, experiências e localidade, uma vez que a educação linguística não é uma metodologia ou método de ensino.
6. O levantamento de muitas perguntas, por exemplo: O que a língua-linguagem significa para mim e para o meu contexto? Quais são as diferenças entre treinamento, formação e educação? Quem são meus alunos em termos de raça, de orientação sexual, de gênero, de identidade socioeconômica? Quais são os fundamentos filosóficos sobre os quais meus alunos são educados?
7. O questionamento da educação liberal/*bildung* e da educação bancária ao trazer à tona a educação crítica freiriana (um movimento recente no ensino de línguas estrangeiras no Brasil).
8. Observar e refletir, inspirada em pesquisas contemporâneas, sobre epistemologias que abarcam a complexidade e as incertezas ao invés de propor caminhos de princípios descritivos, pelos quais os alunos se limitam a tomar consciência dos problemas a serem resolvidos.

O esforço de insistirmos na educação linguística tem sido válido: em encontros acadêmicos recentes, o tema esteve presente em mesas, simpósios e comunicações. Nos últimos anos, percebo o termo se espalhando, junto com propostas importantes da educação

linguística: revisitar dicotomias, positivismos, filosofias da linguagem e da educação, pois precisamos perceber que não se ensina apenas a língua como acúmulo linguístico. Já não se trata mais de abrir um livro e encher a cabeça do aluno de conteúdos linguísticos, isso não é mais suficiente. Para termos mais espaço nas grandes áreas do conhecimento e mostrar relevância, é necessário mudar a percepção sobre a atuação dos educadores linguísticos.

A educação linguística reconhece que a língua é prática social, política, corporal, multilíngue e multimodal. Alguns pesquisadores têm utilizado a expressão “língua-linguagem”, para reforçar que ela não se desprende da linguagem dos corpos.

O fortalecimento do termo é um movimento de revisitar e revalorizar toda a área de educação linguística e formação docente. Vejo isso de forma bastante positiva, pois reforça a importância dos educadores linguísticos de línguas estrangeiras e adicionais.

Fabrcio e Sérgio: Agradecemos a sua resposta. E a próxima pergunta está relacionada diretamente ao que você menciona, desse olhar não só para trás, mas para o aquilo que está no hoje, nessa contemporaneidade. Pensando nisso, de que modo você pensa ou vislumbra que as universidades e as pesquisas na área de Letras ainda precisam avançar, para que a gente possa enfrentar não só os desafios dessas sociedades que têm uma penetração de tecnologias digitais constante e intensa, e que influenciam diretamente as nossas ontepistemologias, mas também para rever o que a gente precisa desestabilizar, desconstruir ou repensar, que um repensar potente assim seja para os enfrentamentos, não só dessas ontepistemologias altamente impactadas pelas tecnologias digitais, mas também pelos desafios de sociedades ditas globalizadas?

Daniel Ferraz: Então, não por acaso, aulas recentes estão bastante frescas na memória e no corpo. Vivenciamos as aulas com o corpo, com tudo. Em uma disciplina que estou ministrando neste semestre, dentro de uma proposta formativa que discute língua, cultura e sociedade por meio de uma língua estrangeira, discutimos o projeto da Modernidade. Por quê? Porque o conceito de cultura é um conceito moderno, nascido da modernidade. E o conceito de universidade também é moderno.

Quando falamos sobre os sentidos em que a universidade precisa se desestabilizar, desconstruir e repensar, primeiro é preciso considerar se ela deseja fazer isso. Aqui me refiro à universidade enquanto sistema, da forma como se estruturou sob a égide do universal. Por exemplo, algo que intriga: ela é realmente universal para todos?

De todo modo, a universidade enquanto projeto universal é interessante, pois busca levar o conhecimento para todos e assumiu um papel importante na formação profissional e no desenvolvimento de pesquisas para a sociedade. Mas é necessário pensar que a universidade, enquanto projeto moderno, atua como veículo da formação da modernidade e de todos os seus pilares de sustentação.

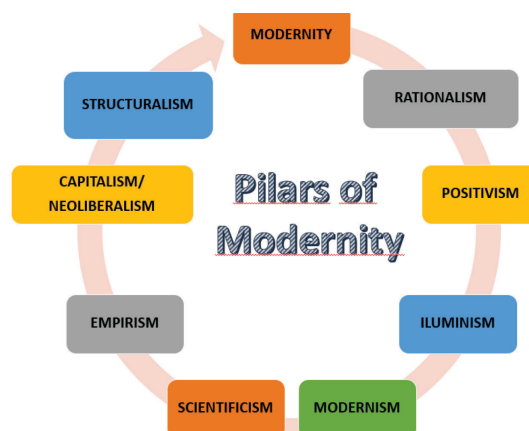


Figura 1: Os pilares da Modernidade

Fonte: Prof. Daniel Ferraz (2026)

A universidade muda, mas lentamente. Em termos gerais, ela tende a se manter como sempre foi. Se considerarmos aulas recentes, não há como discutir um projeto de modernidade dentro de cursos de Letras sem reconhecer que cultura e universidade são conceitos modernos.

Dentro de projetos de pesquisa em educação e linguagem, tem-se investigado o papel da linguagem dentro desse projeto moderno de universidade e sociedade. São discutidos temas como decolonialidade, pós-colonialidade e pós-modernidade, embora as transformações efetivas nas práticas e relações ainda ocorram de forma limitada. A pedagogia decolonial é instigante, mas é necessário compreender que a universidade é um projeto moderno, secular e milenar. Então, surge a pergunta: o que é possível realizar dentro dessa estrutura?

Alguns autores enfatizam que a universidade moderna tende a se manter excludente e elitista e, por isso, é preciso avançar de uma perspectiva unívoca para uma abordagem pluriversal. Propõe-se, assim, uma universidade polifônica, comprometida com a pluralidade e diversidade de perspectivas.

Apesar das contradições do projeto moderno de universidade, é possível reconhecer que as instituições públicas desempenham papel fundamental de resistência, sendo pilares da democracia e do pensamento crítico. Em momentos de desafios institucionais, essas universidades têm garantido a continuidade do debate acadêmico e da reflexão crítica.

A universidade é essencial para a ciência em geral, incluindo as ciências humanas e as Humanidades. As universidades públicas contribuem de forma significativa para a produção científica e o desenvolvimento social e cultural do país.

Fabrizio e Sérgio: Olha só, quando você descreveu a educação linguística, ela tem uma *pegada* inter/transdisciplinar? Você também falou da nomeação, que é importante, porque nomear é político, e vem a ideia de fazer uma visão mais *top-down*, de cima para baixo. Mas essa nomeação também se faz de outra forma? Por exemplo: *bottom-up*, de baixo para cima? É possível? Você teria exemplos práticos? Qual perspectiva é mais eficaz ou qual está dando mais respaldo para que a mudança que você está propondo aconteça?

Daniel Ferraz: Tem um texto que escrevi intitulado *Reading Ourselves: Placing Critical Literacies in Contemporary Language Education/Ler-nos lendo: o lugar dos letramentos críticos na educação linguística contemporânea* em que discutimos as relações *bottom-up*, ou *grassroots*, e a *top-down* nos letramentos críticos. No texto, lembro-me de uma citação de Best e Kellner que pode me ajudar a pensar no que desejo discutir:

A ênfase moderna na luta coletiva, solidariedade e política de aliança deu lugar à fragmentação extrema, à medida que o "movimento" dos anos 1960 se fragmentou em várias lutas concorrentes por direitos e liberdades. A ênfase anterior em transformar a esfera pública e as instituições de dominação deu lugar a novas ênfases em cultura, identidade pessoal e vida cotidiana, à medida que a macropolítica foi substituída pela micropolítica da transformação local e subjetividade. (Best; Kellner, 1998, p. 285 *apud* Duboc; Ferraz, 2018, p. 247, tradução minha).

Realizou-se a seguinte reflexão, à época: segundo alguns autores, embora as micropolíticas e lutas locais tenham substituído positivamente os projetos políticos utópicos e totalitários, alguns estudos pós-modernos parecem negligenciar que seus principais alvos a serem combatidos (como o poder político e a opressão) já haviam sido os principais alvos em alguns projetos modernos; qual seja, é necessário "encarar" a dimensão macro. Retomando Best e Kellner, os autores defendem que, se a atuação ficar restrita ao local, talvez se perca a oportunidade de agir no macro.

Observou-se que os letramentos críticos se apoiaram muito nessa ideia: "vamos agir localmente porque isso é o mais importante e a dimensão macro vai acontecer naturalmente". De fato, se não considerarmos a dimensão macro, as mudanças não ocorrerão. Na época, em 2018, o texto analisado impactou significativamente, pois mostrava que, mesmo trabalhando com letramento crítico localizado e atuando nas microrrelações, há limitações em alcançar o macro, ou seja, as políticas maiores.

Quais eram, então, as problematizações em relação ao agir no macro?

Infiltrar agências e espaços institucionais-chave (planejamento e formulação de políticas educacionais, a indústria de livros didáticos e programas de formação de professores) em direção a uma mudança sistêmica estratégica. Se os letramentos críticos, como prática

problematizadora dentro da escola ou do ambiente da sala de aula, não parecem ser suficientes para alguns, então é hora de buscar espaço para uma mudança sistêmica, conforme defendido por Best e Kellner (1998). Nesse sentido, vemos aspectos amplos, como o planejamento educacional e a formulação de políticas, a indústria de livros didáticos e programas de formação de professores como potenciais agências ou espaços institucionais para uma ação orientada e planejada, em que os letramentos críticos poderiam se tornar o princípio fundador nas discussões sobre linguagem, cultura, identidade e educação (Duboc; Ferraz, 2018, p. 248).

O espalhamento *bottom-up* tem se mostrado muito efetivo e relevante. Através dele, é possível observar que, em diversas licenciaturas, alterações profundas nos currículos foram realizadas localmente, com o desenvolvimento de disciplinas de educação linguística, filosofia da linguagem e disciplinas inter- ou transdisciplinares.

Na dimensão macro, a sensação é de enfrentar grandes desafios: avanços locais frequentemente se deparam com barreiras estruturais e restrições institucionais. Observa-se desprestígio das humanidades por parte de algumas agências de fomento, que aprovam projetos de forma restrita ou negam investimentos, muitas vezes, sem compreender adequadamente as epistemologias envolvidas.

Apesar disso, a perspectiva *bottom-up* tem sido essencial, mas a dimensão macro precisa perceber que pesquisas em educação linguística, educação crítica e filosofia são fundamentais para a sociedade. Estudos de linguagem são chave para qualquer projeto em grandes áreas do conhecimento.

Em alguns contextos educacionais, políticas recentes têm limitado a autonomia docente e o controle sobre aulas, materiais e avaliações, criando ambientes repressivos e centralizadores. Além disso, algumas políticas públicas têm revertido avanços em letramentos e alfabetização, retornando a abordagens anteriores ao trabalho de Paulo Freire. Esses são exemplos de como desafios macroestruturais afetam a área de linguagem e educação.

Fabrizio e Sérgio: Muito obrigado. O que você disse é muito importante, porque você está alinhavando, trazendo e mostrando a complexidade que existe a partir do conceito de educação linguística. Isso reverbera em todas as áreas que você mencionou, não? E o que fazer agora?

Daniel Ferraz: Queria contar um sonho antes de me aposentar: que fosse possível transformar o mundo para algo melhor e mais equânime por meio dos estudos da linguagem, que outras áreas do conhecimento e o governo responsável pela educação reconhecessem nas humanidades seu importante papel transformador. Estamos atuando em pequenas ações locais, e a força vem do coletivo, juntando essas iniciativas.

O desejo seria ver isso se tornar realidade na dimensão macro. Seria interessante transformar em uma política educacional institucional. E, então, ver uma transformação com força normativa semelhante a documentos nacionais de referência curricular, mas que trouxesse a importância da educação linguística e da linguagem para a transformação educacional. Isso seria muito interessante de presenciar.

Fabrizio e Sérgio: Sabemos que há mais sonhos para compartilhar, certo? Vamos fazer mais uma pergunta, e fica a seu critério decidir o que responder. No conceito de educação linguística, o crítico faz parte? Está incluído? Se sim, qual visão crítica estaria embutida nesse conceito?

Daniel Ferraz: Ótima pergunta. Ótimo para poder explicar o que penso. Vejo muitos projetos voltados para a educação linguística crítica, e está tudo certo. Para mim, como o conceito de educação linguística traz toda essa revisão educacional que discutimos, ele também está pautado na educação crítica freiriana e dialoga com os letramentos críticos.

Vejo a educação linguística como a nossa área maior; poderia ser chamada de EL, paralela à Linguística Aplicada. Na metáfora do guarda-chuva das ciências, seria um guarda-chuva rizomático, não hierárquico.

Assim, eu substituiria o termo da nossa área, Ensino e Aprendizagem de Línguas (ou ELT, EFL, ESL), adotando, por exemplo, Educação Linguística ou Estudos de Linguagem; educação linguística é um bom termo. Apesar das críticas que podem surgir ao refletir sobre termos e nomeações de áreas, acho que vale a pena, pois teorias e pensamentos se transformam e viajam.

Por fim, gostaria de dizer que os letramentos, multiletramentos, letramentos críticos etc., são, para mim, possibilidades teóricas/epistemológicas, ontoepistemológicas e praxiológicas para se realizar educação linguística.

Por que que eu estou tentando fazer essa metáfora visual aqui? Porque eu sei que não vai estar no texto escrito.

Fabrizio e Sérgio: Olha que interessante pensar nisso visualmente! E, como você representaria essa ideia em termos de imagem?

Daniel Ferraz: Elas formam um guarda-chuva rizomático, e é necessário criar a imagem mental. A educação crítica freiriana é potente para pensar a educação linguística. Embora não use o termo educação linguística crítica (mas respeito quem o utilize e acredito que os objetivos são os mesmos: compreender a língua como prática social), trata-se de uma nomeação, e, para mim, está implícito que é necessário realizar um trabalho crítico na educação linguística; não é possível proceder de outra forma. Vejo essa estrutura de forma quase arquitetônica, bastante visual, como se os diferentes elementos se conectassem.

Fabrizio e Sérgio: O que hoje te preocupa? Qual é o foco de atenção para você, como pesquisador, formador e professor, como ser humano? São as mesmas preocupações que você registrou em uma de suas obras de 2024? Quais são as demandas que se apresentam atualmente que ainda não conseguimos atender?

Daniel Ferraz: Tenho muitas preocupações. Se eu for pensar nas pesquisas que tenho feito, volto ao meu pensamento arquitetônico e visual. Agradeço imensamente essa pergunta, pois me dá a oportunidade de não me justificar, mas de explicar porque tenho tantos interesses na vida. Meus interesses são muito dinâmicos; às vezes, um assunto me cansa, vou ser honesto, aí começo outro.

No momento, meus dois interesses maiores são o diálogo entre educação linguística que para mim é uma área, não chamo mais de ensino, aprendizagem, linguagem e a formação docente. Essas são as minhas duas grandes preocupações, e, ao mesmo tempo, esperanças, enquanto pesquisador. Minhas pesquisas focalizam como essas duas áreas podem colaborar para um mundo melhor, mais equânime e mais justo, por meio das nossas aulas e dos conhecimentos que passamos para os futuros professores, conforme já ressaltai nesta conversa:

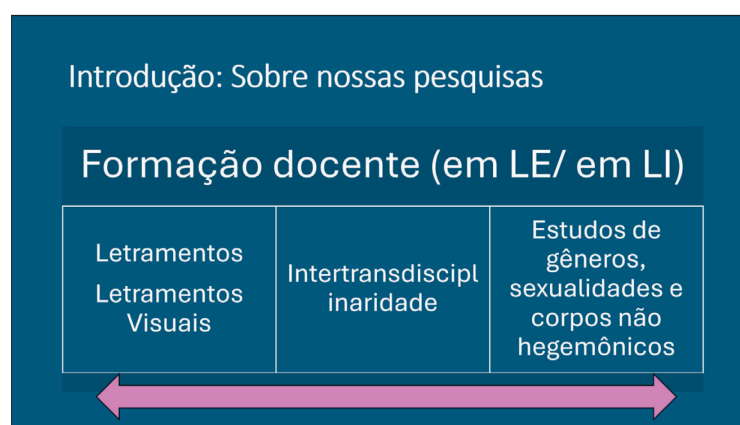


Figura 2: Pesquisas atuais

Fonte: Ferraz; Mizan, 14º CBLA

Dentro dessas duas grandes áreas, descem muitos ramos de interesses. Nos últimos anos, tenho me dedicado aos letramentos de todos os tipos que já estudei na vida, letramento digital, multiletramentos e, mais recentemente, os letramentos visuais têm sido uma preocupação central. Tenho investido muito em estudar a imagem, voltar-me para estudos clássicos de imagem e da cultura visual,

pois preciso desses conhecimentos para, por exemplo, dar aula de língua e cultura. Acredito que a sociedade está se transformando tanto e que, nas formações, não percebemos que a imagem constrói significados. Ainda se pensa que a imagem é apenas um adorno, mas a imagem é *meaning making*. Precisamos olhar para as imagens como construtoras de sentido. Para mim, o letramento visual é a grande área negligenciada atualmente; precisamos estudá-la e espalhá-la mais. Os letramentos visuais são a “irmã esquecida” dos letramentos. Todo mundo fala em letramento digital, multiletramentos, letramento crítico, novos letramentos, letramentos literários, mas ninguém fala de letramentos visuais.

Nas conversas, nos eventos e nos cursos, os letramentos visuais continuam pouco discutidos. Em alguns cursos de pós-graduação, há disciplinas inteiras dedicadas a letramentos visuais, em que se passa meses discutindo imagem, sociedade do espetáculo e cinema. É essencial revisar e visitar nosso olhar sobre as imagens, na sociedade e na educação linguística. Por isso, diversas obras foram organizadas em torno dos estudos das imagens, em colaboração com outros pesquisadores da área.

Fabício e Sérgio: Nos seus estudos, identificamos um interesse por investigações que contemplem gênero e sexualidade. Você poderia comentar como essas questões se articulam com sua pesquisa e com os eixos da educação linguística que você desenvolve?

Daniel Ferraz: Nos últimos cinco anos, houve grande atenção aos letramentos visuais, cultura visual e estudos da imagem, defendendo a importância desses estudos nas escolas de letramentos e nas formações. Similarmente, houve foco nas questões de filosofia, filosofia clássica, filosofia da linguagem e filosofia da educação, temas estudados ao longo da vida, seguindo diversos autores referência na área.

Esse terceiro eixo mostra estudos bastante transdisciplinares. Pode surgir a crítica de que “são muitas coisas diferentes, muitos interesses de pesquisa e atuação”, mas isso pode ser entendido como um elogio, pois a transdisciplinaridade permite que os campos se visitem mutuamente.

A terceira subárea de pesquisa a que me dedico é a de gêneros e sexualidades não hegemônicas. Desde meus pós-doutorados em universidades nacionais e internacionais, o interesse tem sido compreender como a formação docente de línguas - de língua inglesa e de línguas estrangeiras aborda, ou não, esses temas nas suas formações. O trabalho é desenvolvido fora da matriz heteronormativa tradicional, considerando todas as letras da sigla LGBTQIAPN+ e as teorias associadas, buscando uma abordagem interseccional.

Pesquisas envolvem diálogo com colegas da comunidade acadêmica, incluindo pessoas trans e de diversas identidades, para discutir teorias e práticas pedagógicas. Também faz parte do trabalho a divulgação de redes de pesquisa voltadas a gêneros, sexualidades e intersecções, integradas a projetos nacionais de letramentos.

Trata-se de uma pesquisa muito gratificante, pois envolve principalmente diálogo com os alunos. Nas atividades da graduação, pergunto se eles querem discutir esses temas e teorias. Interessante notar que nenhuma turma retirou esses tópicos do programa de disciplinas. Por exemplo, em breve, haverá uma aula sobre *non-hegemonic genders and sexualities and bodies*, totalmente compatível com estudos de língua e cultura.

Na pós-graduação, no segundo semestre de 2024, dei um curso inteiro de pós com o título *Formação docente, educação linguística e corpos, gêneros e sexualidades não hegemônicas*. Esse é um trabalho que tenho muita alegria de fazer. Eu sou da comunidade LGBTQ+, sou gay, sou um ativista acadêmico, acho que é importante falar, acho que os alunos dessa comunidade precisam falar, se quiserem falar. E penso que quem não é da comunidade também precisa se formar para compreender os anseios dessas comunidades quando adentram nossas salas de aula, porque são comunidades subalternizadas, mas que existem; todas elas existem.

Então, se posso fazer essa contribuição de gerar pesquisas, gerar estudos, estou numa fase bastante formativa e produtiva. Tanto em português quanto em inglês, escrevo sobre o que é gênero, o que é sexualidade, o que é sexo, quais são as várias interpretações, possibilidades para possa fazer uma expansão, nessa metáfora de abrir a mente de quem está interessado em ler e ganhar esse conhecimento. Os alunos me dão um *feedback* muito interessante. Falam: “Nossa, professor, que interessante”, porque trago muitas

atividades para a sala de aula. Eles perguntam: “Nossa, mas eu chego com a bandeira?” Eu falo: “Não precisa. Dá para fazer muita coisa. Qualquer tema que seja possível, dá para você fazer uma provocação, se a sua escola não permitir, mas você pode trazer um material e deixar para pensar” Não é um trabalho doutrinador, é muito sério, negociado. Os alunos escolhem se querem trabalhar com esse tema ou não. Estou falando na graduação e na pós, os alunos têm escolhas, e isso é essencial para práticas de educação linguística.

Esses temas são deveras complexos, porque, se você pega a questão de gênero, de sexualidade, da orientação sexual, muita gente não entende. Veja o que foi divulgado nas redes sociais durante as campanhas eleitorais de 2017 (e até hoje): “mamadeira de piroca”, “as escolas vão transformar seu filho em gay ou trans”, enfim, total ignorância e a aberta manipulação da população que não conhece os temas, os gêneros e as sexualidades das comunidades LGBTQAIPN+ foram usados como capital simbólico e manipulativo do medo e da abjeção. Temos muito a caminhar! Em minhas aulas, tem sido muito interessante entender, junto aos estudantes e futuros educadores, essa pluralidade de identidades de gênero que temos hoje em dia. Esse gênero/sexo, para Judith Butler (1990, 2003, 2011), forma uma matriz heteronormativa difícil de ser questionada, pois é naturalizada. É por isso que muita gente não entende. Então, é importante entender para respeitar essas comunidades, que têm direito constitucional de existir. Somos todos cidadãos deste país.

Fabício e Sérgio: Quais foram e quais são os impactos e as repercussões mais significativos de suas iniciativas de pesquisa e ação na área de letramentos para a formação de professores de línguas?

Daniel Ferraz: A iniciativa completa 16 anos agora em 2025, quase duas décadas de existência. Só para terem uma ideia: somos 352 pesquisadores de todo o Brasil e, somando os internacionais, mais de 300. É uma rede enorme de pesquisadores e docentes das universidades, e a outra metade são mestrandos, doutorandos, além de professores da educação básica e de formação continuada. O grupo é bastante diverso.

A maioria atua na língua inglesa, mas há professores de línguas modernas, francês, espanhol, português brasileiro, entre outros. Ao longo desses 16 anos, tem-se trabalhado as teorias dos letramentos para repensar a formação docente. É importante registrar que a iniciativa foi criada por dois professores, Lynn Mario Menzes de Souza e Walkyria Monte Mor, que coordenaram o projeto durante 10 anos. Atualmente, a coordenação está a cargo de pesquisadores ativos na área, nos últimos cinco anos.

O que percebo de significativo? Muita, muita coisa. Eu acho que já mencionei o quanto percebo a colaboração das pesquisas para os contextos locais (por exemplo, as transformações curriculares, de pesquisas locais e praxiologias), e, por isso, eu acho que a junção dos micros tem força. Porque o Projeto Nacional de Letramentos é uma rede de vários micros e, quando colocamos tudo isso junto em rede, a gente vê a força em vários aspectos. Vários dos nossos mestres, mestrandos e doutorandos acabam “realimentando” as suas próprias universidades locais, pois são eles que passam nos concursos públicos de suas localidades. Além disso, as teorias, as práticas pedagógicas, as praxiologias estão nesse grande rizoma, nessa grande rede, e vão sendo transformadas a cada ano, porque a gente se encontra a cada ano para conversar.

Eu acho que isso é bastante inovador, já que as pessoas gostam tanto da palavra inovação na nossa área, mas, nesse contexto, que não tem *funding*, as pessoas participam porque querem e porque gostam (e porque se gostam e se respeitam em suas heterogeneidades). E já que vocês me deram a honra dessa entrevista, como sou ser humano, eu conversei com colegas lá atrás e falei: “Nossa, e essa iniciativa vai acabar porque os fundadores deixaram a coordenação”, e aqui estamos! Encerramos o último ciclo ainda mais robustos, ainda maiores, com mais redes, pesquisas e pesquisadores. Isso me deixa muito orgulhoso (principalmente por não ter desistido).

Deixo aqui duas questões. É uma iniciativa de muita visibilidade nacional e internacional, pelas várias parcerias com instituições do Canadá, Itália, África do Sul, Austrália, Estados Unidos, Colômbia, Uruguai, Reino Unido, Irlanda, entre outros. Por exemplo, no Reino Unido, acabamos de realizar uma parceria internacional envolvendo pesquisadores daqui e da Universidade de Londres. Quero comentar sobre o *feedback*, qual seja, a reação desses acadêmicos internacionais quando falamos da dimensão e das pesquisas colaborativas, ao apresentar o que fazemos pela educação linguística no Brasil. A gente não depende de verba, mas depende da boa

vontade das pessoas quererem estar conosco. Isso é incrível e raro na academia. As pessoas ficam impressionadas, porque isso não existe em lugar nenhum do mundo. A academia gira muito por conta de esforços individuais, mas aqui é um esforço coletivo e nacional.

Valeu a pena, porque hoje temos dados para mostrar quanto contribuimos com a linguística aplicada e com a educação linguística no país, por conta do nosso volume de produção e das transformações realizadas. Encerro dizendo que isso impactou as revisões dos currículos dos cursos de Letras em diversas instituições de ensino.

Olha que trabalho lindo realizamos juntos. Minha função é pequena dentro de tudo isso. Atuamos na organização do encontro anual e na articulação das redes de pesquisadores. É muito interessante ver esse rizoma em movimento. Não sei se há iniciativas que funcionam dessa forma.

Fabrizio e Sérgio: Você tem uma produção robusta, incluindo livros. Sabemos que ainda é um assunto complexo, tanto pela falta de verbas quanto pela morosidade dos processos, enquanto o compartilhamento de informações e saberes precisa ser cada vez mais veloz com o auxílio das tecnologias digitais. Como você consegue superar esses obstáculos para compartilhar seu conhecimento e organizar seu trabalho?

Daniel Ferraz: Bom, olha que legal. Eu adorei essa pergunta porque me dá também a oportunidade de falar coisas da minha carreira, das decisões que a gente vai tomando na carreira, e a oportunidade é muito interessante, porque eu estou super à vontade de falar, é diferente, é como se eu estivesse me autoetnografando, me falando o que eu penso, sem precisar me apoiar em outros acadêmicos, embora, tenho certeza de que sou bastante heteroglóssico, formado por esse conjunto de vozes.

A produção acadêmica, de novo, voltando para a modernidade e a universidade enquanto um sistema global, escolheu esse formato de fazer ciência, que é basicamente produzir conhecimento e registrar esse conhecimento em pouquíssimos gêneros, pelo menos nas humanidades. Nas humanidades, como a base do que a gente faz é filosófica, escolhemos alguns gêneros e um dos principais é o gênero artigo escrito (que deve ser publicado, divulgado e lido para que seja validado e valorizado). Vejam que situações tudo isso criou: ao longo dos anos, este gênero dominou a maneira de fazer ciência e, como a sociedade é capitalista, competitiva e neoliberal, nós, acadêmicos fomos comprando a ideia de *publish or perish*.

Sendo honesto, embora eu tenha que reconhecer, enquanto coordenador do meu programa de pós-graduação, que há um esforço enorme de sair da ideia puramente quantitativa e avançar para avaliações mais qualitativas, ainda assim, a mentalidade não muda. A mentalidade continua produtivista. Mesmo que haja uma transição qualitativa, no final, todo programa de pós-graduação recebe uma nota, de três a sete, e isso é quantitativo! Os programas que recebem notas mais altas continuam sendo considerados melhores, enquanto os demais são vistos como menores ou inferiores. É tudo muito complexo. Mas, também acredito que, por conta das transformações digitais, a academia poderia explorar outras possibilidades.

Não precisa ser apenas um ou dois gêneros. Se for publicação, por que não pode ser multimodal (vídeos, tão importantes para pesquisadores surdos, textos visuais, entre tantas outras possibilidades)? Se ainda insistimos na publicação, por que não trabalhar com textos mais subjetivos, autoetnográficos, em que possamos falar de nós, seres humanos, que passamos por dificuldades e desafios antes, durante e depois das pesquisas? Não adianta achar que o pesquisador, que ainda é docente, tem uma vida sem desafios. Por que não fazer autoetnografia? Isso não é ciência tradicional, mas por que não falar disso? Fazer ciência não precisa ser apenas provar a verdade de outrem; podemos também produzir conhecimento baseado na nossa experiência.

Para mim, a universidade, no tocante às humanidades, precisa ter outros gêneros de conhecimento: vídeos, *podcasts*, multimodalidades, uma academia diferente, mais próxima dos alunos e da sociedade. Não digo que o conhecimento escrito não seja importante, mas podemos ter outras possibilidades de produzir conhecimento. Textos menos objetivistas e mais subjetivos mostram nossa humanidade e permitem maior conexão com os outros. Embora eu respeite todas as maneiras de fazer pesquisa, acho que devo me posicionar conforme acredito que seja a pesquisa contemporânea.

Sobre a produção acadêmica, quero dizer que produzo bastante porque gosto de escrever. Gosto de escrever e registrar os meus pensamentos, de fazer parcerias, de organizar livros com alunos e dar oportunidades a alunos da graduação e pós-graduação que nunca tiveram. Faço um esforço imenso para sempre escrever, registrar coisas que penso. Também me esforço para produzir conhecimento por meio da multimodalidade e do mundo digital, em que tudo é público e acessível (por exemplo, no Grupo de Estudos sobre Educação Linguística em Línguas Estrangeiras as *lives* estão no mundo digital). Tenho promovido eventos dialógicos e conversados, em forma de bate-papo mesmo, como propostas de novas formas de fazer “ciência”. Não publico tudo que escrevo, gosto de escrever contos, diários pessoais, porque adoro escrever. Não vejo como pressão. Escrevo sem me preocupar com pontos ou avaliações... apenas escrevo.

Fabício e Sérgio: Para finalizar, como podemos incluir na entrevista a importância e a relevância de um grupo de estudos não apenas como uma iniciativa localizada, mas como um espaço que “fura a bolha” por meio de eventos *online*, canais digitais, participações e pelo quanto é possível socializar e compartilhar as atividades e resultados do grupo?

Daniel Ferraz: O projeto “caiu no colo”, mas é um projeto próprio, uma sementinha, e é parceiro de outras iniciativas. Existem preocupações próprias, que dialogam, mas não necessariamente são as mesmas de outros projetos. Uma das ações realizadas é o trabalho no mundo digital. Isso começou na pandemia, desde 2020, com a percepção de que não seria possível permanecer em uma sala física, embora já houvesse 20 a 40 estudantes presentes. Decidiu-se, então, migrar para o ambiente virtual e nunca mais retornar ao formato físico. A equipe funciona muito bem como grupo que se encontra virtualmente.

Há colegas de todo o Brasil, muitos dos quais não viriam presencialmente. Entendem-se as limitações do ambiente digital, pois, às vezes, é cansativo permanecer diante de uma tela, ainda assim, é uma oportunidade valiosa. A pandemia mostrou que é possível realizar trabalhos de qualidade, mesmo no ambiente digital. Nos últimos dois anos, especialistas e colegas foram convidados para compartilhar pesquisas realizadas em outras universidades. Desde 2023, foram organizados ciclos de palestras que se encerram em 2025 com três eventos *online*. O primeiro ocorre nesta sexta-feira; o segundo será em outubro, com colegas da Universidade de Londres, abordando o contexto e o papel da universidade lá; e o terceiro contará com a participação de colegas de todo o Brasil, discutindo gênero e sexualidades não hegemônicas. Embora o trabalho seja mais discreto e não tenha a mesma projeção de outras iniciativas, é muito importante manter o grupo.

O projeto tem permitido uma produção coletiva muito significativa. Toda essa produção pode ser baixada gratuitamente pelo *site* do grupo. Estão sendo organizados 6 volumes de obras da coleção, sendo que 3 já estão publicados e 3 serão publicados nos próximos anos. A digitalidade amplia o alcance das pesquisas, permitindo que pessoas de qualquer lugar do Brasil e do mundo (por meio dos eventos em língua inglesa) acessem as atividades. É possível perceber alegria quando colegas utilizam as *lives* para formações de professores de línguas em suas escolas.

Fabício e Sérgio: Obrigado! Você teria uma mensagem final para nós?

Daniel Ferraz: Precisamos encerrar, não é?

Como resumo da nossa conversa, penso que discutir educação linguística e formação docente seja, para mim, existir enquanto pesquisador, formador e educador linguístico. Penso, ainda, que é muito bom termos a oportunidade de problematizarmos a Modernidade (presente no sangue que corre em nossas veias, mas nunca como nas “*venas abiertas*” de Eduardo Galeano), e que podemos repensar juntos o projeto moderno de universidade. Aliás, que bom que a universidade nos permite o pensamento crítico e os diversos posicionamentos, pois, assim, avançamos e transformamos os termos da conversa.

Tenho mais de trinta anos de carreira e fico pensando por que repito tanto isso para mim (é que pretendo me aposentar em breve, quero muito), então poder falar das minhas grandes áreas de pesquisa, dos meus interesses transdisciplinares, das iniciativas que coordeno e da minha mente e meus dedinhos que não param de pensar e escrever foi uma oportunidade que me foi dada.

Eduquei muitos estudantes, formei muitas professoras/educadoras ao longo da minha carreira, lutei, sorri, chorei, adontei-me, caí, levantei-me, nadei e nadei, sorri de novo, chorei de novo, nunca saí da sala de aula e nela permaneço, amorosamente, responsabilmente, eticamente. Encerro essa conversa bastante emocionado, e vou com Fernanda Torres (que amo!): *A vida presta!*

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Gender trouble*. New York and London: Routledge, 1990.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. *Bodies that matter*. New York and London: Routledge, 2011.

DUBOC, A. P.; FERRAZ, D. M. Reading Ourselves: Placing Critical Literacies in Contemporary Language Education. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 18, n. 2, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398201812277>. Acesso em: 26 fev. 2026.

FERRAZ, D. M. *Língua-linguagem, educação e educação linguística*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.



Recebida e aceita em 03/09/2025.

Publicada em 15 de março de 2026.